

2009

“Hope”

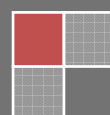
Crónica na Revista Com'Out, nº 8

Fevereiro 2009

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

1/1/2009



Hope

Pouco indicava que Harvey Milk viesse a ser um herói gay. Ao contrário do que se possa pensar, a sua entrada na política municipal de São Francisco não se deu por via da militância pelos direitos sexuais. Conta a história (ou a estória...) que sentiu o *click* da política quando, em 1973, um burocrata entrou na sua loja de máquinas fotográficas no Castro para cobrar uma dívida de 100 dólares ao fisco. De facto, a sua carreira política assentou em dois vectores. Por um lado, a defesa do pequeno comércio local, como diríamos hoje por cá. Por outro, a defesa de uma alteração da lei eleitoral que permitisse eleger representantes por bairro e não apenas pelo conjunto do município (essa alteração viria justamente a permitir a sua eleição). O terceiro vector, o dos direitos de gays e lésbicas, veio por acréscimo e decorreu das circunstâncias sociais e históricas do florescimento do Castro como o grande bairro gay e lésbico de referência nos EUA.

O Castro tinha sido um bairro católico e irlandês que entrara em decadência. Aos poucos foram abrindo bares gay e a população LGBT, que já era significativa em São Francisco, foi-se mudando para lá, bem como os migrantes e exilados sexuais do resto do país – um movimento que caracteriza as populações LGBT de todo o mundo, em busca de espaços cosmopolitas de liberdade. Também Harvey aportou a São Francisco em busca de ar livre. Nascido numa família judia pequeno-burguesa, frequentou o que chamaríamos uma escola superior de educação, esteve na tropa durante a guerra da Coreia e ainda namorou com círculos conservadores. O ambiente em que cresceu como homossexual estava marcado por repressões legais fortíssimas e suas consequências nas vidas das pessoas: são várias as histórias de tratamentos com electrochoques e suicídios entre amigos, colegas e namorados de Milk. Mas em Nova Iorque Harvey acabaria por ser influenciado pelo ambiente boémio e *hippie*. Embora falemos hoje, e com razão, da revolta de Stonewall em 1969 (celebra-se os 40 anos em 2009) como momento inicial do movimento LGBT, muito se deve também ao ambiente contra-cultural dos anos 60. Aliás, o movimento LGBT que já existia, sobretudo com a Mattachine Society e as Daughters of Bilitis, era bastante conservador e aflito – conta-se que os membros da primeira eram obrigados a usar fato e gravata para não causarem escândalo...

Em São Francisco Harvey viria a tornar-se no primeiro político americano assumidamente gay, produto do fenómeno do bairro do Castro. Surgia a política, nos bares, lojas, empregos, na repressão policial, nas reivindicações legais: «E os jovens gay das Altoonas das Pensilvânias ou

dos Richmonds dos Minnesotas que estão a sair do armário e que ouvem Anita Bryant na TV, a única coisa que têm é esperança. E vocês têm que lhes dar esperança. Esperança num mundo melhor, esperança num amanhã melhor, esperança num sítio melhor onde possam refugiar-se se as pressões no local de origem foram demasiadas...», dizia Milk no seu *Discurso da Esperança*, antecipando Obama em 30 anos. Em 1978 foi assassinado, junto com o presidente da Câmara, por um dos seus colegas da vereação, Dan White. Este viria a sofrer uma condenação leve, por supostamente estar sob a influência de demasiada *junk food* (!) e São Francisco incendiar-se-ia, revoltada, com os motins da “White Night” em 1979. Tinham acabado séculos de silêncio e passividade.

miguelva@gmail.com

miguelvaledealmeida.net